

## Narrativas de violência no Kosovo do pós-guerra\*

Silvia Salvatici\*\*

Tradução de Luiz Antonio Rodrigues Ribeiro Campos

### Relembrando violência e sofrimento

**A guerra no Kosovo** foi o último episódio de um processo violento que testemunhou a desintegração da antiga Iugoslávia, cujo início remonta aos primórdios da década de 1990. O conflito no Kosovo estourou em março de 1999 e terminou após aproximadamente três meses. A intervenção da Otan varreu a guerra civil, centrada no embate de uma força albanesa nacional (que representava 90% da população da região) contra um grupo de sérvios apoiado pelo governo central da Iugoslávia. Por conseguinte, a guerra no Kosovo deve ser discutida levando-se em conta a eclosão de uma violenta tensão nacionalista, no contexto de uma profunda crise política, social e econômica que colocou de joelhos os países da área dos Bálcãs.

Como contribuição pessoal a essa mesa-redonda sobre violência, apresentarei os resultados do projeto Arquivos da Memória, que realizei no

---

\* Uma versão mais ampla deste ensaio foi publicada em “Nomadismo, Memórias, Fronteiras”. *Projecto História*. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, Educ, n. 27, 2003.

\*\* Professora e pesquisadora da Universidade de Teramo, consultora da agência intergovernamental International Organization for Migration, Psychosocial and Cultural Integration Unit, coordenadora do projeto Psychosocial and Trauma Response in Kosov, e responsável pela criação do Arquivo da Memória da Experiência de Guerra no Kosovo (1999-2000).

Kosovo, entre 1999 e 2000. Esse projeto foi concebido como uma parte distinta do programa mais amplo denominado Resposta Psicossocial e Trauma no Kosovo, implementado pela Organização Internacional para Migração. O objetivo desse programa mais amplo era criar uma estrutura de resposta para as novas necessidades psicossociais da população, que emergiram após suas experiências de guerra, exílio e retorno. Nesse cenário, os Arquivos da Memória foram concebidos como instrumentos de apoio à contextualização sociocultural do sofrimento e da angústia produzidos pelo conflito. A coleção de entrevistas constituiu a principal atividade dos Arquivos da Memória no Kosovo.<sup>1</sup>

Quanto mais intensas as experiências de guerra dos entrevistados, maiores se tornavam o sofrimento e a angústia produzidos em seu rastro. O passado e sua recordação foram, assim, amalgamados com aflição, pesar e angústia. Nesses casos, os sobreviventes freqüentemente acreditaram ser preferível esquecer os acontecimentos por eles considerados traumáticos, com vistas a afastar sua dor e superar seu trauma. Tal foi a situação de Besim, que entrou para o Exército de Libertação do Kosovo (ELK) no início de 1993 e viveu na clandestinidade por um longo período. Durante os bombardeios da Otan, foi capturado pela polícia sérvia e aprisionado por sete meses na antiga República da Iugoslávia. Sua narrativa focalizou principalmente o período em que esteve na prisão. Ele considerou essa a pior fase, por se encontrar física e psicologicamente maltratado, e por causa da ansiedade que sentia com a falta de notícias da família e da situação no Kosovo. A lembrança do sofrimento de Besim enfocava detalhes aparentemente triviais (ruídos, objetos e sonhos), mas ele os enfatizava por lhe trazerem o passado para o presente. Ele lembrou:

“Quando eles nos encarceraram, quando fecharam aquelas portas de ferro, de algum modo isso afetou minha psique... Porque lá havia quatrocentas celas, e isso significa que 1.200 vezes ao dia... Porque eles nos traziam comida três vezes por dia; desse modo, aquelas portas eram abertas três vezes por dia – 1.200 vezes... O som era tal, que a explosão de uma granada teria causado menos danos a meus ouvidos... Não apenas porque eles poderiam ter entrado para espancar alguém, mas também por causa das portas...

---

<sup>1</sup> As entrevistas realizadas podem ser consultadas no *site* [www.kosovomemory.iom.int](http://www.kosovomemory.iom.int).

Aquelas maçanetas de ferro. (...) As portas na minha casa são feitas de ferro, você sabe, e toda vez que ouço aquele barulho... Mas vou retirá-las e colocar portas de madeira em seu lugar...”

Para Besim, eliminar o ruído das maçanetas de suas portas tornou-se uma maneira de afastar essa lembrança e, assim, seu sofrimento. Essa foi a mesma solução que Blerta, namorada de um ex-combatente do ELK, adotou. Em suas palavras:

Blerta: Agora ele está nervoso, e às vezes começa a gritar sem qualquer motivo, e sempre se lembra de algo que presenciou, e começa a me falar sobre as coisas que já viu...

Pergunta: Você acha que para ele é um alívio contar o que viu e confessar seus sentimentos para você? Acredita que ele se sente aliviado?

Blerta: Sim, talvez ele tenha necessidade de falar com alguém e de contar a essa pessoa o que aconteceu com ele. Ele se sente aliviado, e conversamos algumas vezes sobre coisas diferentes, e quero ajudá-lo nesse sentido, porém acho difícil, porque aquela [lembrança] está fixada em sua mente. (...) Geralmente tento mudar o teor da conversa, mudando de assunto. Digo coisas como ‘vamos falar sobre algo diferente’. ‘Vamos esquecer o que já passou. Foi a guerra, e nada podemos fazer’. Algumas vezes isso o deixa feliz.

A solução de Blerta faz ecoar a tradição existente entre albaneses do Kosovo de que o povo não deveria ser reconduzido às suas dolorosas experiências, respeitando-se, assim, sua necessidade de esquecer. Dessa perspectiva, a capacidade de “não lembrar” torna-se um bem, um recurso. Apesar disso, contudo, a maioria dos entrevistados conduziu suas próprias histórias no rumo das dolorosas experiências, admitindo, mais tarde, haverem sentido alívio após a conversa.

Um primeiro motivo para essa contradição deriva do fato de que a falta de memória, a amnésia ou o esforço de esquecer nunca parecem suficientes para afastar os acontecimentos que produziram (e ainda produzem) esse sofrimento. Ao contrário, esse “não lembrar” parece apagar tudo que se encontra fora desses eventos, nivelando uma *tabula rasa* em

torno deles, na qual eles podem se destacar ainda mais. Isso foi exemplificado por Rahim, um dos entrevistados. Rahim é um menino de 12 anos. Ele foi posto em fila para ser executado, como todos os outros homens do vilarejo. Ferido gravemente, Rahim sobreviveu, mas seu tio morreu. “Sempre divago em minha memória”, respondeu ele a estudantes que lhe fizeram indagações sobre o que mais o incomodava. “Só penso naquele dia”. “Aquele dia”, já descrito em amplos detalhes aos entrevistadores, permanece vivo na memória de Rahim, embora ele tenha feito o máximo para esquecê-lo. Em vez de apagar “aquele dia”, Rahim esqueceu-se de todas as piadas que antes conhecia. Em suas palavras:

Rahim: Quando eu estava ferido, algumas garotas costumavam me visitar para um bate-papo. Eu lhes contava um monte de piadas; porém, agora, me esqueci de todas elas.

Estudante: Não lembra de nenhuma?

Rahim: Não, me esqueci de todas.

Outra razão para a fragilidade dessa amnésia é que esquecer pode ser considerado útil para se recuperar de experiências dolorosas; todavia, lembrar constitui um dever social. A opressão, os maus tratos e os massacres sofridos pelo povo albanês não podem ser esquecidos. Portanto, a pessoa individualmente irá sacrificar seu desejo de esquecer e priorizar os objetivos da comunidade nacional. O sujeito individual abandona sua posição pessoal em favor da construção de uma plataforma coletiva, e o desempenho desse dever por si mesmo reforça sua consciência de pertencimento à comunidade nacional, ao mesmo tempo que parece ter efeitos consoladores e terapêuticos. Ainda uma outra razão para lembrar é que isso confere significado à perda. Foi o que aconteceu no caso de Teuta. Aos 18 anos de idade, Teuta lamentou a morte de seu pai e de seu irmão (ambos ativistas do ELK), assassinados pela polícia sérvia. “Precisamos viver pelo bem daqueles que lutaram e morreram por nós, porque quando eles pegaram em armas, fizeram uma grande coisa”, disse ela. Dessa perspectiva, os mortos deixam de ser meras vítimas. Ao serem lembrados, transformam-se em mártires, e sua perda torna-se mais tolerável.

A aflição, o pesar e a angústia descritos pelos entrevistados não se limitaram aos acontecimentos passados, mas contaminaram também suas

descrições do presente. Para os sérvios do Kosovo, o sofrimento constitui uma realidade imediata. De seu ponto de vista, aqueles que optaram por não deixar a região continuam em guerra, uma guerra na qual eles são as vítimas. Dentro da comunidade, o passado é geralmente lembrado apenas para enfatizar o sofrimento do presente, ou para mostrar onde esse sofrimento teve origem. Esses relatos se voltaram em geral para detalhes das condições de vida nos enclaves sérvios. Um testemunho desse tipo foi prestado por Tamara, de 36 anos, mãe de três filhas. Ela iniciou sua história testemunhando sobre a lacuna existente entre a realidade, na qual era forçada a viver, e seus anseios:

“A realidade é praticamente o lugar onde estou vivendo, o que significa estar numa colméia. Gostaria de sair desse lugar limitado, mas a realidade é assim; lamento não poder me permitir sair. Meu desejo é andar livremente, ir aos parques com meus filhos, ao cinema, estar empregada. Apenas andar livremente sem qualquer sentimento de medo”.

Biljana, outra entrevistada, tinha 25 anos e trabalhava para uma organização internacional ao norte de Mitrovica. Ao descrever como aproveitava seu tempo livre, disse ao entrevistador que sentia muita falta de ir ao cinema; mas, continuando, admitiu que esses sentimentos eram certamente comuns à maioria dos jovens que moravam na cidade:

“Creio não ser a única pessoa que gostaria de ir ao cinema. A vida não é só trabalhar, comer e dormir; precisamos de algo mais. Apesar do fato de haver muito dinheiro circulando – devido a todas as organizações internacionais aqui presentes – as pessoas não conseguem ter a vida normal de que necessitam. (...) O que me incomoda, a mim exatamente, como pessoa, é justamente a falta de uma vida normal. Aqui, mesmo que eu ganhe uma fortuna, não há como... não gastá-la, porque você pode sempre gastar dinheiro, mas gastá-lo e sentir alguma coisa... Alguma coisa que o complete. Não, não é justo...”

Para os sérvios do Kosovo, o sofrimento, tal qual aparece em seus relatos, era mais frequentemente psicológico que “material”. Organizações

internacionais e não-governamentais sediadas nos enclaves sérvios ali se encontravam para fornecer itens indispensáveis que satisfizessem, pelo menos, as necessidades básicas da população e, ao mesmo tempo, para oferecer oportunidades de emprego; mas as conversações sobre sofrimento tendiam a descrever uma carência diversa. Essa falta foi identificada como a causa da aflição, do pesar e da angústia que permearam a experiência diária dos sérvios do Kosovo. Tal carência tornou-se então o tijolo e a argamassa da construção de suas auto-representações coletivas, como é evidenciado nas palavras de Tamara: “Sim, os distúrbios psicológicos são muito comuns, todos nós sofremos disso aqui em Gorazdevac”, disse ela. Milica, outra entrevistada, referiu-se de maneira semelhante à situação em Mitrovica: “Todos aqui têm essa angústia e... eu vi pessoas que estavam perturbadas, mentalmente perturbadas por causa disso... Eu as vi nas ruas”. Em sua narrativa, Tanja qualificou suas condições de vida em Prístina como particularmente difíceis, mas, então, de imediato, estendeu essa mesma experiência a todos os sérvios que viviam na região:

“Aqui em Prístina, o espaço para se locomover é muito limitado, é realmente muito limitado: a sua casa, o caminho para ir ao local de trabalho. Apenas algumas poucas centenas de metros, nada mais. É realmente claustrofóbico... Mas é verdade que também nos enclaves as pessoas não têm melhores condições... Elas também sofrem muito, devido ao espaço limitado para se locomoverem”.

Ao longo das entrevistas, a auto-representação dos sérvios do Kosovo como vítimas transformou-se em um conceito guarda-chuva, colocado para captar o desconforto advindo de outras fontes. Por isso, ao descrever a degradação de sua vida em Gorazdevac, Tamara mencionou, mais de uma vez, que seu desejo de encontrar um trabalho era sempre frustrado pela situação vigente no Kosovo. Entretanto, na realidade, Tamara não estava trabalhando antes da guerra; ela havia deixado seu trabalho 13 anos antes, em seguida ao nascimento de sua primeira filha. Em suas palavras, Tamara havia parado de trabalhar porque “desejava dedicar[-se] inteiramente aos [seus] filhos”, mas, continuou ela, agora que eles estavam crescidos, retornar ao trabalho era “um dos [seus] maiores desejos”. Embora esse desejo de ter uma experiência profissional possa ser mais racionalmente explicado em termos da necessidade de enriquecer

sua vida após dedicar-se à família por 13 anos, Tamara encontrou uma forma de justificar seu desejo contra antecedentes de sofrimento e isolamento nos enclaves, o que era comum a toda a comunidade do Kosovo. “Se me fosse concedida a oportunidade de trabalhar, eu poderia me poupar de muitos dos problemas que enfrento agora, morando em Gorazdevac”, disse ela. Essa construção de uma identidade coletiva enraizada na vitimização do povo sérvio parece comprimir a subjetividade individual e o desenvolvimento de uma identidade individual, já que uma se constrói sobre a outra.

Esse mesmo processo ocorreu entre os albaneses do Kosovo; em seus testemunhos, a guerra, definida como um acontecimento traumático, foi apresentada como única razão para o sofrimento dos membros de famílias da comunidade, enquanto outras causas (que podem ter sido exacerbadas pela guerra, mas cuja origem é diversa) deixaram de ser consideradas. Isso apareceu na narrativa de Sofije, mãe de 21 anos, cujo marido foi morto pelos paramilitares sérvios. Na ocasião da entrevista, o bebê de Sofije tinha 11 meses, e ela ainda morava com os sogros num vilarejo próximo a Vushtri. Durante a entrevista, Sofije e a família de seu marido enfocaram sua conversação na perda de seu marido, que eles identificaram como causa de sofrimento tanto para cada membro da família, individualmente, quanto para a própria família, tida como uma pequena comunidade que ficou privada de harmonia doméstica. Conforme o pai idoso declarou, “nós perdemos nosso filho, ela perdeu seu marido. É muita maldade, muita maldade. A família está destruída. [Nada voltará a] ser como antes”. Todavia, mais tarde, durante a conversa, outras razões para a ruptura familiar apareceram. Sofije desejou voltar para casa, a fim de viver com seus pais, mas, segundo o costume dos albaneses do Kosovo, ela não poderia fazer isso sem deixar sua filha com a família do marido. Assim sendo, o sofrimento de Sofije derivou, em parte, dessa difícil decisão com que se defrontou na época. Ela poderia se mudar para um contexto familiar mais protetor, mais indicado para superar a perda de seu marido, mas isso apenas adicionaria, à sua dor, a perda da filha. Em suas palavras: “Não quero me separar dela, ela é tudo que tenho. Entretanto gostaria de voltar para meus pais, minha família... Você sabe, é minha família...”. Sofije queixou-se de perturbações psicológicas (não conseguia dormir, não tinha apetite, sentia tonteiras com frequência), mas a origem do problema, a despeito da maneira como sua família representava seus

sofrimentos, não poderia simplesmente ser atribuída ao “trauma provocado pela guerra”; na verdade, deveria ser imputada ao sistema patrilinear que ainda constitui a base da família e da comunidade de albaneses do Kosovo.

### Ao longo das divisões: aldeões na cidade

Os albaneses do Kosovo que moravam da zona rural eram tipicamente aqueles que haviam sobrevivido aos acontecimentos mais dramáticos do conflito, e foi preferencialmente nos vilarejos, contrapondo-se a áreas mais urbanas, que a guerra encontrou sua primeira e mais violenta expressão. Ao mesmo tempo que a diferença na intensidade da experiência entre campo e cidade criou uma brecha adicional, que ampliou ainda mais as lacunas socioculturais já existentes entre áreas rurais e urbanas, o contraste ajudou também a fixar na memória dos aldeões os acontecimentos, imprimindo-os de maneira vigorosa em suas percepções do sofrimento atual, conforme é mostrado no depoimento de Ardita.

“Meu vilarejo foi um dos primeiros na municipalidade de Vushtrri a ser engolfado pela guerra. Naquela época, eu estava em Prístina, com minha irmã, para cursar a universidade. (...) A partir do outono de 1998, quando a guerra estava em curso no meu vilarejo, não somente era difícil, para nós, voltar para casa, como também acompanhávamos e sentíamos tudo o que acontecia. Estávamos no fluxo dos acontecimentos que lá ocorriam e, desse modo, havíamos perdido nossa vontade não só de sair para passear e nos divertir, mas também de fazer qualquer coisa. Antes do bombardeio da Otan, Prístina mostrava-se quase intocada pela guerra, e a situação aqui era, como sempre, diferente da de outras partes do Kosovo. Isso nos incomodava... Aqui [em Prístina] a vida prosseguia como se [nada] estivesse acontecendo em outras partes do Kosovo. Aqui a vida continuava como na Suíça ou em Paris... Tudo parecia normal, você podia ouvir a música dos cafés cheios de gente que se divertia até altas horas da noite.”

Depois da guerra, um considerável fluxo migratório trouxe muitos habitantes do Kosovo das zonas rurais para as zonas urbanas, pois muitas

peças haviam perdido seus lares, e a economia da maioria dos vilarejos, já seriamente abalada pela enorme pressão face à escassez de terras agrícolas, havia sido arruinada. Os efeitos das migrações em larga escala tornaram-se mais evidentes na capital, Prístina. As migrações ocorreram segundo o padrão habitual: os ex-habitantes dos vilarejos foram hospedados por parentes que moravam na cidade, durante um período inicial de tempo, após o qual os mais afortunados conseguiram encontrar moradia e um emprego mais ou menos estável. Todavia, uma vez nas cidades, tornou-se mais difícil para os novos migrantes recuperar-se do sofrimento e da aflição, devido a um contexto social e cultural profundamente diverso de suas experiências anteriores.

Essa dificuldade surgiu na narrativa de Korab, que, aos 12 anos de idade, perdeu ambas as pernas numa mina terrestre. Korab era natural de Rezala, vilarejo próximo de Skenderaj, mas, na época da entrevista, residia com sua família em Prístina. Desde o acidente, Korab tem se mostrado infeliz, recusando-se a falar e a freqüentar a escola. Quando os estudantes indagaram por que não freqüentava regularmente a escola, respondeu: “Porque esses garotos de Prístina iam implicar comigo. Eles iam dizer: ‘Você é um garoto de aldeia’. Em Skenderaj ninguém me chamaria de ‘garoto de aldeia’”. O temor de Korab, exacerbado por sua incapacidade física, parece enraizado em um relacionamento complexo e muito real entre “cidadinos” e “aldeões” recém-chegados à cidade.

Além disso, aqueles que vieram do campo chegaram a Prístina com suas próprias experiências trágicas, atadas a eles por dolorosas lembranças. Tais recordações tornaram-se logo a base de uma identidade coletiva, construída a fim de que eles se diferenciassem do povo da cidade e legitimada por eles como a autêntica identidade nacional. Azem, um cidadão de Prístina que havia passado os dois últimos anos no exterior, ficou chocado com o atrito que teve com um “aldeão” que encontrou por acaso em um café, e se lembrou do áspero diálogo que mantiveram. Em suas palavras:

“Eu estava com um amigo, dizendo a ele que acabara de voltar da Itália. E esse sujeito, uma das pessoas que tinham deixado os vilarejos, nos ouvia. Num dado momento, ele interrompeu nossa conversa e, em altos brados, dirigiu-se a mim nesses termos: ‘Onde estavam vocês? Onde estavam vocês quando nós lutávamos

contra o inimigo? Nós lutamos contra os sérvios, nós libertamos o Kosovo! Nós demos liberdade ao Kosovo!’ Isso é o que eles pensam. Eles acham que não temos qualquer direito no Kosovo porque não sofremos tanto quanto eles. Sempre tivemos mentalidades diferentes, mas agora existe muito mais tensão”.

Em relação aos aldeões que viviam há pouco tempo em Prístina, por outro lado, os habitantes naturais da capital pareciam nutrir sentimentos diferentes e, algumas vezes, contraditórios. Primeiramente, eles reconheciam que os moradores de vilarejos figuravam entre as vítimas de guerra que mais sofriam, e essa consciência estava integrada à memória coletiva de abuso praticado contra os albaneses do Kosovo. Gentiana, que sempre viveu em Prístina, fez ecoar esse sentimento:

“Nos vilarejos, o povo viveu experiências terríveis. Nada tão terrível ocorreu na cidade, mas na zona rural os sérvios mataram centenas de pessoas, incendiaram casas... Aqui as conseqüências da guerra não são tão visíveis, mas, fora de Prístina, massacres terríveis foram cometidos. Há vilarejos onde não se consegue encontrar um habitante do sexo masculino com mais de 12 anos de idade.”

No entanto, esse relato do sofrimento dos vilarejos – apresentado como um símbolo do sofrimento da comunidade de albaneses do Kosovo como um todo – redundou em uma preocupante crítica do uso que os aldeões fazem do passado como um meio de reivindicar vantagens no presente, e do radicalismo observado na população rural. Azem, por exemplo (que provavelmente se sentiu ao mesmo tempo incluído e excluído da comunidade albanesa do Kosovo, devido ao tempo que passou no exterior e às suas intenções de retornar à Itália), expressou sem hesitação essa ambivalência.

“[Os aldeões] chegam aqui em Prístina e querem uma casa, querem um emprego, querem as melhores posições, as posições de poder. Eles querem tudo porque sofreram a guerra. É verdade que eles sofreram muito, mas não têm o direito de obter tudo o que desejam. (...) E eles são os maiores extremistas; não concordamos com eles, porque são os maiores extremistas.”

Independentemente desse conceito de competição, em ampla sintonia com as divisões na sociedade do Kosovo, que se intensificaram durante a guerra, também parece haver um desejo, entre os moradores da cidade, de se distanciar do radicalismo político, que não é reconhecido por toda a comunidade albanesa, e que, portanto, não pode ser aceito no âmago de sua identidade coletiva.

A migração do campo para a cidade também parece haver criado profundas lacunas na sociedade sérvia do Kosovo, no norte de Mitrovica. Aqui, também, o radicalismo político dos migrantes foi constatado e considerado responsável tanto pelas divisões dentro da comunidade sérvia quanto pelas tensões entre sérvios e albaneses. Segundo as palavras de Vladimir, de 25 anos de idade:

“São eles os extremistas. Eles não querem a paz. Eles dizem que os albaneses não desejam a paz, mas é sua responsabilidade. ELES não querem a paz. Os habitantes da cidade são diferentes, embora não tomem iniciativa alguma... Eles apenas os toleram. Não entendo porque não fazem alguma coisa. Esses aldeões são o que mais me incomoda na situação atual do norte de Mitrovica”.

De acordo com a opinião amplamente aceita sobre os migrantes do vilarejo, Mitrovica não apenas mudou para uma posição política mais radical (com um conseqüente recrudescimento da tensão entre a sua comunidade e a dos albaneses), mas também passou por uma mudança em sua aparência, seu espaço vital e sua vida social. Os lugares e as pessoas não podem mais ser considerados familiares. “Há muitos rostos novos pela redondeza, muitos rostos que nunca vi antes”, disse Vladimir, enquanto Biljana deu um exemplo de como se sentia desconfortável na presença maciça de “pessoas de fora”.

“Algumas noites atrás, eu estava num bar com alguns amigos, e quis ir ao apartamento de um amigo apanhar algo. Passei por um café que tinha música ao vivo e parecia muito agradável. Dei apenas uma rápida olhada lá dentro e vi que não conhecia provavelmente 70% das pessoas, conhecia apenas poucas delas. E eu costumava conhecer todos os jovens de Mitrovica. Há muita... para

um lugar tão pequeno; o norte de Mitrovica é agora, com certeza, pequeno demais para tanta gente.”

## Conclusões

No Kosovo do pós-guerra, a construção da memória da violência do passado e do presente parece constituir um processo que segue trajetórias diferentes. Por um lado, ambas convergem para uma voz coletiva voltada principalmente para a comunidade internacional, a qual teria a intenção de afirmar-se como expressão única de uma identidade nacional que é monolítica, sólida, enraizada em tradições e forjada pelo conflito de longa duração. Eram apresentados como componentes básicos dessa identidade o sofrimento (que certamente não se torna menos real pelo seu papel na construção da identidade coletiva) e a autopiedade. Ambas as características são típicas de discursos nacionalistas na região dos Bálcãs, conforme demonstraram estudos nessa área. De acordo com essa perspectiva, memórias da dureza do passado e descrições dos conflitos atuais são todas consideradas atribuíveis a uma causa que diz respeito à comunidade inteira, uma preocupação coletiva. Violência, dor, luta e sofrimento são elevados das esferas privada e individual para a esfera pública, e o resultado é de reafirmação e apoio. Esse discurso de cunho coletivista, entretanto, deixa de reconhecer as trajetórias individuais, a variedade dos contextos familiar e social, e a especificidade das necessidades do indivíduo. A voz coletiva tende a negar diferenças dentro de si mesma, a fim de projetar uma imagem de coesão interior e homogeneidade, digna de funcionar por si mesma, em contraste com as comunidades externas.

Por outro lado, os relatos também revelaram diferentes lembranças do passado e percepções variadas do presente, refletindo a complexidade da situação. Uma pluralidade de vozes emergiu ao longo das fronteiras marcadas por experiências individuais, assim como aquelas criadas por divisões socioculturais, de gênero e de gerações. Tais fronteiras cresceram até mesmo dentro dos limites de uma comunidade nacional. Essas múltiplas vozes expressam o surgimento de contradições, lacerações e fraturas produzidas pela experiência da guerra e pela rápida transformação do contexto no qual a guerra teve origem: por exemplo, o contraste entre as áreas urbana e rural tem sido aguçado como uma separação social e política.

As diferentes memórias do conflito devem ser trazidas à luz, de modo a reintroduzir uma pluralidade tornada possível pela multiplicidade de trajetórias individuais, e que é necessária para uma identidade coletiva articulada, fragmentada e fluida.

**Resumo:** Em Kosovo, a retomada das hostilidades entre sérvios e albaneses, a eclosão da guerra e, em seguida, a divisão das duas comunidades num contexto político e social marcado por contínuas tensões constituíram um cenário de múltipla violência. As memórias dessa violência exacerbaram o discurso público nacionalista e afetaram as narrativas individuais sobre o conflito. Tais processos serão analisados através dos testemunhos coletados no campo, após a guerra.

**Palavras-chave:** Kosovo; pós-guerra; memórias de guerra; violência; nacionalismo.

#### **Tales of Violence in Post-War Kosovo**

**Abstract:** In Kosovo the renewal of hostilities between Serbs and Albanians, the outbreak of the war and the following division of the two communities in the frame of a political and social context afflicted by continuous tensions, have been the scenario of multiple violence. The memories of that violence exacerbated the nationalist public discourse as well as they affected individual narratives about the conflict: such processes will be analyzed through the testimonies collected on the field in the aftermath of the war.

**Keywords:** Kosovo; post-war; war memories; violence; nationalism.